

O romance reportagem e o romance denúncia em Malhação do Judas Carioca e Aracelli Meu Amor

Daniela M. Segabinazi Meister
PUCRS

Nas décadas de 60 e 70 houve uma explosão de publicações de textos na área da produção literária que, coincidentemente, abrangeu questões relacionadas diretamente aos problemas históricos, políticos e sociais da época. Nesses anos, chamados de "loucos" por alguns críticos, surgiu também a chamada "geração da crise", visto que essas décadas foram marcadas pelo exercício de repressão política, oprimindo as várias formas de opiniões e expressões do povo brasileiro.

Este ambiente opressor no país também foi delineado na América Latina, o que proporcionou a aproximação de nossos romances ao estilo da literatura latino-americana. Além do contexto histórico desses países, estavam acontecendo grandes modificações em nível de mundo, muitos países estavam passando por grandes transformações.

Essas prerrogativas, quer queiram quer não, influenciaram profundamente os romances ao ponto de repensar os novos estilos e gêneros que estavam surgindo nesses anos. A literatura brasileira, nesse período, enriqueceu seu público com os inúmeros romances que surgiram, todos atingidos por uma pluralidade de técnicas e linguagens nunca vistas antes. Os gêneros tornam-se indefiníveis, os romances surgem como reportagens, autobiografias, reminiscências, recortes, documentos, etc. Os narradores buscam a identificação com a matéria social,

procurando através da onisciência denunciar os problemas da sociedade brasileira, as injustiças e as violências. Os personagens servem apenas para garantir a informação, pois não possuem marcas de individualidade e personalidade; enfim, na maioria desses romances, o que importa é a denúncia, o social, mais que o homem.

Retomando a posição de alguns críticos, que apontam para os diversos gêneros e para o tom problematizador dos romances da década de 70, encontramos a de Davi Arrigucci Júnior, o qual afirma:

Na ficção de setenta para cá apareceu uma tendência muito forte, um desejo muito forte de volta à literatura mimética, de fazer uma literatura próxima ao realismo, quer dizer, que leve em conta a verossimilhança realista. E com um lastro muito forte de documento (1979: 79).

Neste segmento, podemos incluir como um dos exemplos desse tipo de romance o livro *Lúcio Flávio* de José Louzeiro, o que nos faz concordar com o fato de que o criador literário da época incorporou acontecimentos experienciados por ele e pelo povo, tornando seus textos uma denúncia através do romance reportagem, um dos típicos romances dos anos "loucos" de 60 e 70.

Conforme Antonio Cândido e as posições aqui já definidas, encontramos o seguinte retrato dos textos produzidos na literatura brasileira pela "geração da crise", principalmente no tocante a década de 1970:

Este decênio produziu textos quase que indefiníveis, visto a verdadeira legitimação da pluralidade, romances parecem reportagens, contos que não se distinguem de poemas ou crônicas, semeados de sinais e fotomontagens; autobiografias com tonalidade e técnica de romance; narrativas que são cenas de teatro; textos feitos com a justaposição de recortes, documentos, lembranças, reflexões de toda a sorte (1987: 209).

Assim, todos incorporaram técnicas e linguagens até então raramente vistas, que romperam com as normas tradicionais.

Entre as obras escritas pela chamada "geração da crise", estão *Aracelli meu amor* de José Louzeiro e *Malhação do Judas Carioca* de João Antônio, as quais são referências do romance reportagem e do romance denúncia. Assim, observadas algumas questões referentes ao contexto literário em que essas foram publicadas, buscamos abordar, nas próximas linhas, discussões que permitam esclarecer e traçar, efetivamente, os pontos que aproximam essas obras, uma a uma.

Nas páginas policiais

José Louzeiro, nasceu em São Luiz, no Maranhão, em 1932. Profissionalmente, desde os 16 anos de idade integrou-se no jornalismo, tornou-se conhecido e respeitável, trazendo a público uma obra que tematiza de forma nua e crua a violência de um marginal *Lúcio, Flávio* (1975). Assim, como essa obra, publicou outras que procuram colocar em evidência a brutalidade, a violência e o cotidiano marginal, como *Aracelli meu amor* (1976).

Denunciando um caso de homicídio marcado pela violência, inexatidão dos fatos, descompromisso policial favorecidos pelos interesses de poder aquisitivo, José Louzeiro reforça as forças ideológicas que promovem e desenvolvem a corrupção e o jogo de mandos e desmandos nas entidades governamentais, particularmente no que tange à segurança (a polícia), poder considerado repressor na época. Ao mesmo tempo, levanta questões sociológicas e culturais ao retratar o descaso dos pais e o possível envolvimento da mãe na morte da filha (*Aracelli*); a descrença por parte da população, conforme o passar dos dias, em ver solucionado o caso; a revelação da política oportunista; o tráfico de drogas; a manipulação de informações; a miséria social; entre outras temáticas que são abordadas como denúncia.

Aracelli meu amor; livro publicado em 1976, é um romance que aborda direta e conscientemente uma temática de cunho

social, a qual é colocada em destaque entre as outras intenções temáticas evidentes no texto. O primeiro parágrafo da narrativa diz o seguinte: "Vitória, sexta-feira, 18 de maio de 1973" (LOUZEIRO, 1979: 3), o que significa uma intenção típica de compor um diário ou uma reportagem, através da demarcação do tempo, obviamente. Além dessa data, que abre a narrativa, outras surgem no decorrer da história, o que nos dá a certeza de um romance com o caráter de documentação histórico-social, valendo-se em segundo plano das personagens. Também imprimem-se no texto outras características que denunciam o romance como reportagem e como denúncia, são exemplos os depoimentos sobre o homicídio de Aracelli na delegacia da polícia, as manchetes de jornais lidas pelos personagens ou contadas pelo próprio narrador, tais como:

Nos jornais o fato se transformava em manchetes. As fotos do desaparecimento servem de ilustração para a matéria. O crime repercute, as emissoras de rádio e televisão anunciam, os comentários nos pontos de encontro de Vitória multiplicavam-se. Há quem acredite em crime sexual, há quem fale em acidente (LOUZEIRO; 1979: 11).

Neste fragmento é interessante notar o vínculo com a narrativa mimética, a narração transborda realidade ao demonstrar a notícia-bomba de um homicídio, inclusive trazendo à tona especulações por parte do povo ao buscar explicações para tal ocorrência na cidade. Outro detalhe importante nesse romance é os títulos de cada capítulo, eles são postos como manchetes de jornais, destacando o principal conteúdo vertente nas páginas seguintes, como: "O prêmio e as romarias – uma cidade clama por justiça", o que é característico em jornais que buscam chamar a atenção com frases apelativas e que ao mesmo tempo surtem o efeito de conchamar o povo para abrirem seus olhos para as injustiças sociais e a violência que assola a cidade, sem dúvida nenhuma, isso põe em relevo a denúncia que o texto traz em seu bojo.

O caráter documental é evidente no texto, característica esta, como já vimos, decorrente da ficção dos anos 60 e 70, épo-

ca conturbada em nosso país. Desse modo, a tematização de um homicídio e a respectiva solução do caso, que no texto se apresenta enigmático e insolúvel, assumem uma postura informativa, estilo reportagem jornalística que opera na página policial, e, conseqüentemente, como denúncia social, ampliando ao domínio público os inúmeros casos de violência que abalam a sociedade e se perdem na corrupção e descaso policial. Aliada a essa informação, está a denúncia e o apelo à falta de segurança, até mesmo em pequenas cidades brasileiras.

No fragmento abaixo, outro elemento denunciador surge, é o discurso político demagógico, que procura os culpados através da promessa, buscando tirar proveito na investigação do crime e escondendo as verdadeiras ações nas palavras:

-Todos aqui sabem que Clério não promete em vão. Vou fazer um juramento.

- Que me matem em praça pública, que meus braços sejam arrancados e meus olhos furados, que minha língua seja atirada aos cães se, eleito deputado, não me transformar no maior acusador que os matadores de Aracelli já tiveram. Jamais esses criminosos ricos, que pensam que podem fazer o que bem entendem, terão um adversário tão fiel aos seus princípios. Não quero vingança para os que liquidaram aquela criança. Exijo justiça (LOUZEIRO; 1979: 64-5).

Outra passagem confirma a queda no vazio a respeito do crime de Aracelli e, conseqüentemente, o esquecimento em contraste aos primeiros dias relativos ao episódio:

Em sete meses, as alterações numa cidade como Vitória são pequenas. A catedral continuou fazendo tocar sinos em dia de sepultamentos importantes, Tutênio e Artuzão, reuniam-se na porta do Salão Totinho e discutiam pelos menores motivos, Clério Falcão freqüentava as aulas de Direito, Manoel Preto viu o ramo de arruda secar e quando retirou a atadura a ferida estava quase fechada, Rita Soares andou meses e meses reunindo histórias em torno da morte de Aracelli, duas casas novas foram concluídas na Avenida Beira-Mar, o parapsicólogo

go que prognosticou estar Aracelli viva nunca mais disse nada, seu Gabriel Sanches reapareceu diversas vezes, o juiz Waldir Vitral insistia no andamento das investigações (LOUZEIRO; 1979: 51).

Este fragmento, embora disposto ainda no início da obra, relata a passagem do tempo em Vitória, a passividade e o cotidiano das pessoas, apontando para o descaso e o vazio na resolução do crime, inclusive, podemos dizer que o fato passa a fazer parte do dia-a-dia daquelas pessoas como algo não mais assustador, horrível e bárbaro, mas sim como um assunto a ser incorporado a outros, passando a ser apenas um mistério, enigma. Esta questão vem a calhar com as palavras de Davi Arrigucci Júnior, quando afirma que na ficção brasileira da década de 70 surgiu uma tendência forte de voltar à literatura mimética, próxima ao realismo, que leve em consideração a verossimilhança realista. E com um "lastro muito forte de documento". Nesse caso, uma representação do jornal, com uma técnica de romance reportagem que vem do naturalismo típico. Acrescentando, diz ele que em uma de suas leituras sobre o romance reportagem, lembra a referência dada sobre a singularidade desse tipo de romance. De fato, parece-nos que *Aracelli meu amor*, ao retratar a história do crime da personagem Aracelli, que abalou a cidade de Vitória, é mais uma representação de um fato singular (no caso, o homicídio de Aracelli) para aludir uma situação geral, isto é, o quadro geral da violência que começa a se instalar nas cidades. Assim, José Louzeiro "escolhe um determinado caso típico, ou que para ele aparentemente é típico, dentro da situação da realidade brasileira, e tenta aludir com isso a uma totalidade de coisas que não é aquele fato específico. Então, é um romance alegórico, baseado na reportagem" (ARRIGUCCI; 1979: 80).

É um romance que se espelha na função informativa da reportagem jornalística, e não só na função, como também explora uma das temáticas expostas pelos meios de comunicação; e isto transposto na ficção cumpre o papel informativo, com fortes expressões denunciadoras de uma realidade social em evidência no país – a violência.

O romance *Aracelli meu amor* pode ser considerado, então, um veículo de informação, porém "não significa, contudo, que a linguagem explorada seja a mesma do jornal. Ou seja: do jornal aproveita-se apenas, a função de divulgar, tornar conhecidas as informações que, para preservar os interesses das ideologias do poder, foram sonegadas, durante muito tempo, pelos veículos oficiais de informação" (MACHADO; 1981: 76). Dessa maneira, mostramos apenas o estilo do romance que ultrapassa a linguagem da redação jornalística, adotando valores de significação mais profundos e respectivos à obra de arte literária, embora cumpra uma função jornalística, a de denúncia.

O que temos então é uma obra de estrutura linear, com tempo e espaço bem definidos; a composição das personagens são caracteres da sociedade, apoio ao protótipo da vida real, que proporcionam a vertente realista do texto. A obra é conduzida por um narrador em terceira pessoa, o discurso apresenta-se com bastante diálogo entre as personagens, sobressaindo-se algumas gírias, revelando uma linguagem bastante coloquial e popular, inclusive reforçando o ambiente urbano.

Completando nossa proposta de estudo e a discussão até aqui exposta, passamos a delinear a análise sobre *Malhação do Judas Carioca*, uma vez que as obras de José Louzeiro e João Antônio pertencem ao gênero romance reportagem, embora essa última constitua um lastro maior de denúncia.

Cenas da vida urbana

O livro de João Antônio é uma obra preenchida por diversos contos, gênero bastante fecundo na literatura contemporânea. Segundo Alfredo Bosi, "quanto à invenção temática, o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo" (1997: 08). O autor, inclusive, dá ênfase a palavra "situações", pois são nesses momentos que se amarram o discurso narrativo do conto.

No caso do contista João Antônio, as situações temáticas são de caráter urbano, extraídas da vida cotidiana das pessoas, de suas relações diárias; geralmente são personagens represen-

tantes da classe marginal, isto é, arrancadas do submundo, matéria-viva, borbulhando no dia-a-dia da cidade grande, das metrópoles, e que, raríssimas vezes, se revestem de importância.

Mas o estilo tem, como a cidade grande, zonas e camadas distintas que falam dialetos próprios. Há também bairros centrais, ou quase, que abrigam uma gente fluente e marginal: neles se juntam o muambeiro de maconha e o menino engraxate, a "mulher da vida" (que expressão-resumo de tanta coisa!) e o vendedor de bilhetes da federal. Esse mundo de pequenos expedientes e da pequena malandragem que no Rio e na Bahia em (ainda) o espaço livre do morro e do mar, esgueira-se pelas ruas poentas de uma São Paulo suja, sem outro horizonte além das silhuetas dos arranha-céus. Desse fundo torvo tirou João Antônio a linguagem lírico-popular das histórias de Malagueta, Perus e Bacanaço. Tudo nelas é breve, intenso e sintético como o narrador imagina ser o andamento vital daquelas criaturas apertadas entre a urgência píncara de vencer a fome e o medo agudo da polícia ou do malandro mais forte (BOSI, 1997: 18-9).

Isto também ocorre em *Malhação do Judas Carioca*. O narrador procura, de forma intensa, desvelar os arrabaldes da vida marginal, àquela que a sociedade fecha os olhos para não ver, isto é, simplesmente finge não ver. São as situações mais cotidianas e mediocres que o narrador busca expor na sua narrativa, através de uma linguagem coloquial, adequada aos tipos sociais que circundam os contos de João Antônio. Por exemplo, no conto *Cais*: "Odete Cadilague e Rita Pavana, de novo estão de bem. Estiram-se camaradagens, acesas da vida. Outra vez reunidas, que é como o trampo dá resultado. Uma precisa da outra para engambelar os marinheiros" (ANTÔNIO; 1981: 50). A construção sintática é breve, os períodos são cortados por vários pontos, e assim ocorre nos demais contos. Vejamos outro fragmento, retirado do conto *Malhação do Judas Carioca*:

Muita coisa leva o povo da Zona Norte a viver no passado. Até o Judas de Sábado da Aleluia, que já foi melhor, mais intenso, a rapaziada terrível mexendo com todo o mundo, criando confusão, prisões, brigas e até mortes. Estava disposta a tudo nas inscrições. Na palavra dos antigos:

- Só não chamavam de santo porque o cara não era mesmo (ANTÔNIO; 1981: 117).

Nesta passagem, além de constatarmos a brevidade e a intensidade com que o narrador procura contar a história, podemos também nos dirigir a questão do estilo da narrativa incorporado nos anos 70, ou seja, o romance reportagem com tom de denúncia de propor ao público leitor as imagens de uma realidade nua e crua.

De forma diversa que José Louzeiro, João Antônio descreve em seus contos uma realidade, como já dissemos, do cotidiano urbano, com maior destaque para os tipos marginais da sociedade, elementos do povo. No ensaio *Corpo-a-corpo com a vida*, João Antônio coloca algumas palavras que esclarecem esse estilo, essa forma nova de se fazer literatura no Brasil em plena ditadura militar, textos carregados de vida, de movimento.

O de que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora. Necessidades de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra. O que é diferente de publicar livros, e muito. Daí saltarem dois fragmentos vergonhosos – o nosso distanciamento de uma literatura que reflita a vida brasileira, o futebol, a umbanda, a vida operária e fabril, o êxodo rural, a habitação, a saúde, a vida policial, aquela faixa toda a que talvez se possa chamar radiografias brasileiras. E é devido a tal carência que, de um lado, não temos conteúdo, e de outro, não temos forma brasileira. Pois que, a forma, resulta de uma posição intelectualizada e fornece uma falsa estética, importada, empostada, mal adquirida, sujeita a todas as ondas e sempre mal digerida (1981:144-5).

Esta postura parece-nos dizer tudo o que se encontra em seus contos, é o "corpo-a-corpo com a vida" como diz o próprio autor, pois suas narrativas denunciam. Uma literatura voltada para o presente, para o momento atual, pronta para dizer e escancarar. "Literatura de dentro para fora. Isso é pouco. Realismo crítico. É pouco. Romance-reportagem-depoimento. Ainda pouco. Pode ser tudo isso trançado, misturado, dosado, conluiado, argamassado uma coisa da outra. E será bom. Perto da mosca. A mosca – é quase certo – está no corpo-a-corpo com a vida" (ANTÔNIO; 1981 : 150-1).

Rememorando os textos de ambos os escritores, perceberemos que há uma intenção clara de transgredir a ficção, ir além dela. Através da literatura, João Antônio e José Louzeiro procuraram desmascarar a realidade brasileira da época, embora não muito diferente da atualidade. Como diz Flávio Aguiar, "ele pega aquilo que não podia escrever na redação e transforma em livro", ao se referir a José Louzeiro (no debate sobre *Jornal, Realismo, Alegoria : o romance brasileiro recente*; 1979 : 86).

Referências bibliográficas:

- ANTÔNIO, João. *Malhação do judas carioca*. Rio de Janeiro : Record, 1981.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. "Jornal, realismo e alegoria: o romance brasileiro recente" In: *Achados e perdidos : ensaios e críticas*. São Paulo : Polis, 1979. p. 79-115.
- BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. 14ª ed.; São Paulo: Cultrix, 1997.
- CANDIDO, Antonio. "A nova narrativa" In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo : Ática, 1987. p. 199-215.
- CUNHA, Fausto. *Situações da ficção brasileira*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1970.
- LOUZEIRO, José. *Aracelli meu amor*. Rio de Janeiro : Record, 1979.
- MACHADO, Janete Gaspar. *Os romances brasileiros nos anos 70 : fragmentação social e estética*. Florianópolis : UFSC, 1981.
- SÜSSEKIND, Flora. "Anos 70, anos 80" In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1993.